

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: O USO DO FILME COMO FATOR DE EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

EDUCATION AND TECHNOLOGY: THE USE OF MOVIES AS A FACTOR FOR PHILOSOPHICAL EDUCATION

EDUCACIÓN Y TECNOLOGÍA: EL USO DE LA PELÍCULA COMO FACTOR DE EDUCACIÓN FILOSÓFICA

Alessandro Reina

Mestre em Educação – UFPR. Professor Claretiano-Centro Universitário e do Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba (CEEP). Email: alessandroreina@claretiano.edu.br

Geraldo Balduino Horn

Doutor em Filosofia e História da Educação pela FEUSP. Professor UFPR. E-mail: gbalduino.ufpr@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a utilização do filme como um recurso tecnológico, com forte potencialidade voltada a aprendizagem da filosofia, servindo tanto como educação do pensamento quanto um elemento de formação cultural. Aborda primeiramente a utilização do filme como um recurso tecnológico e sua utilização em sala de aula voltada a aprendizagem da filosofia e, posteriormente como fator de educação do pensamento e de formação cultural por meio da prática cineclubista. Tanto o uso do filme em sala de aula quanto por meio dos cineclubes, converte-se como um instrumento pedagógico importante, tendo em vista a construção de um itinerário de formação filosófico, social e cultural por meio do cinema.

Palavras Chaves: Filmes; Filosofia; Cinema; Cineclubes; Educação.

ABSTRACT

The following paper aims to discuss the use of movies as a technological resource. Such resource has great potential for learning philosophy, serving for reasoning and as an element of cultural formation. It deals first with the use of movies as a technological resource and its use in the classroom as a learning philosophy tool, later as reasoning practice and cultural formation by setting movie clubs. The use of movies in the classroom and movie clubs become an important pedagogical tool when it comes to the construction of a way of philosophical, social and cultural formation through motion pictures.

Keywords: Movies; Philosophy; Motion pictures; Movie clubs; Education.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo discutir la utilización de la película como un recurso tecnológico, con fuerte potencialidad orientada al aprendizaje de la filosofía, sirviendo tanto como educación del pensamiento como un elemento de formación cultural. En primer lugar se refiere al uso de la película como un recurso tecnológico y su utilización en el aula orientada al aprendizaje de la filosofía y, posteriormente, como factor de educación del pensamiento y de formación cultural a través de la práctica cineclubista. Tanto el uso de la película en el aula como por medio de los cineclubes, se convierte en un instrumento pedagógico importante, con vistas a la construcción de un itinerario de formación filosófico, social y cultural por medio del cine.

Palabras Claves: Películas; Filosofía; Cine; Cineclubes; Educación.

INTRODUÇÃO

A utilização de tecnologias na sala de aula tem suscitado ao longo das últimas duas décadas, uma discussão incisiva quanto à aplicação destes recursos no processo de ensino aprendizagem. Muito embora se possa afirmar que o debate acerca do uso de tecnologias no espaço escolar é bastante antigo, cabe ressaltar, especialmente, em relação à utilização do filme como instrumento de aprendizagem, a necessidade de estabelecer parâmetros teóricos e metodológicos convincentes capazes não só de responder dúvidas mais frequentes dos professores quando utilizam filmes em sala de aula, mas também de apontar possíveis caminhos.

Há, nesse sentido, ao menos duas contradições que precisam ser enfrentadas e superadas: (a) a reação/resistência dos/as professores/asa em reação à incorporação, no processo didático-pedagógico, de novas tecnologias; (b) o descompasso entre os conhecimentos teórico-práticos dos/as professores/as e dos conhecimentos tácitos dos/as estudantes com relação ao uso das tecnologias. Os educandos encontram-se imersos em um mundo tecnológico e quando são inseridos na escola, geralmente, são obrigados a abdicar deste mundo. Amparados por leis que proíbem o uso de celulares e outros equipamentos em sala de aula, a tecnologia tem sido vista dentro de uma lógica interna do cotidiano escolar como uma espécie de “inimiga dos processos educativos”. Trata-se em primeiro lugar de uma constatação equivocada. A tecnologia não é uma “inimiga destes processos”, mas apenas algo que está sendo mal utilizada ou subutilizada nestes espaços.

As dificuldades, de uma forma bastante geral, remontam tanto a escassez de políticas públicas voltadas a este fim, como passam pela má formação dos docentes na utilização pedagógica destas tecnologias. Além disso, há a produção de uma cultura escolar muito particular, que acaba por incutir nos estudantes a crença de que os aparelhos tecnológicos atrapalham a concentração e a produção de conhecimento no espaço escolar.

Vamos pontuar que o problema não é a tecnologia em si mesma, mas o uso que fazemos dela. As tecnologias desde que bem utilizadas e bem aplicadas dentro de uma perspectiva didático-pedagógica, podem converter-se num importante instrumento de produção da aprendizagem no interior da escola.

Neste artigo abordaremos, a saber, dois aspectos concernentes a utilização do filme e de sua potencialidade na aprendizagem filosófica e de educação do pensar. O primeiro diz respeito ao uso do filme na sala de aula. Muitas vezes, o erro estratégico de abordagem e utilização do filme acaba produzindo resultados não satisfatórios ao docente, fruto de uma incompreensão adequada do uso correto do filme tendo em vista o alcance de seus objetivos e da boa utilização de sua potencialidade. A segunda diz respeito à utilização dos filmes no interior da prática cineclubista. Esta abordagem nos permite pensar como o filme fora dos “muros institucionais” pode servir como um importante elemento da educação do pensar e de formação cultural de seus participantes inclusive dentro da própria escola, uma vez que não estaria submetida as regras de organização e produção do conhecimento

na sala de aula.

Cabe ressaltar ainda que para além da abordagem aqui realizada há outras possibilidades de utilização do filme como fator de educação e formação cultural. Pesquisas recentes oriundas de diferentes cursos e departamentos ligados à produção teórica têm apresentado novas perspectivas entre a relação ou imbricação entre cinema e educação. No entanto, precisamos ainda discutir e pensar melhor esta relação, a saber, entre as novas tecnologias, a educação e, de modo especial, o “lugar” que o filme ocupa nesta discussão.

Metodologia

O presente artigo foi construído a luz da pesquisa bibliográfica, tendo como referência a experiência prática cineclubista que vem sendo desenvolvida e estudada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Ensino da Filosofia (NESEF-UFPR) desde o ano de 2012. O cineclube tem sido campo de observação do processo educativo e de formação cultural, cuja proposta tem se desenvolvido tanto na escola pública, quanto na universidade, compondo um dos “braços de pesquisa” do NESEF que envolve o cinema, a filosofia e a educação.

O uso do filme para aprendizagem da filosofia na sala de aula

Pensar o uso do filme como fator de educação não é algo recente. Desde o início do século XX quando o surgimento de novas tecnologias despertou o interesse de intelectuais e pesquisadores que procuravam uma alternativa de superação da crise educacional, essa prática já era reconhecida. Trata-se de um fenômeno observado principalmente nos Estados Unidos, vinculados ao movimento “escolanovista”, tendo como principal precursor John Dewey. No período já existiam experimentos com o uso do filme e inclusive a coleta de dados estatísticos por meio de uma análise quantitativa dos resultados do filme no processo da aprendizagem. Este relato chega a nós por intermédio de Serrano (1932) e Venâncio (1941) que já avaliavam e advertiam os educadores da potencialidade da utilização do cinema como fator de educação.

[...] eis porque, se não é em absoluto exato afirmar a possibilidade da educação integral só por meio do cinema, é perfeitamente razoável considerar a prodigiosa invenção como um dos recursos e dos mais eficientes, e até com alguns privilégios intransferíveis, para a grande obra do ensino. (SERRANO, 1932, p. 176-177)

Dizia Bernard Shaw que o livro deve agradar 1% dos leitores, e o teatro 10% dos espectadores, o cinema 90%, donde a necessidade de se vulgarizar, de se nivelar com o gosto da maioria. Parece que, por isso mesmo, que deve agradar e pode agradar ao grande público, é que o cinema é, de fato, um grande fator de educação (fator no próprio sentido do termo – multiplicador), pois que, como nenhum outro, pode ensinar, pode educar a todos, mesmo aos que não sabem ler. (VENÂNCIO, 1941, p.42-43)

É interessante perceber que já existia certa receptividade com relação as novas tecnologias no espaço escolar, em meio a pesquisa no Brasil, entre as décadas de 1930-1940. Se a discussão na atualidade se tem colocado de forma mais incisiva, isso só revela o grau de resistência de nosso país quando se trata de pensar a relação entre estas tecnologias e a educação. Apesar da compreensão de que a educação é, por excelência, um espaço de crise permanente como destaca Arendt (2016) em seu texto *A Crise na Educação*, o Brasil parece não ter superado alguns paradigmas educacionais ficando preso ainda a uma concepção de educação bastante alheia aos processos tecnológicos, não conseguindo inserir o uso destas tecnologias para fins pedagógicos.

Em 1983, 53% das escolas dos EUA já utilizavam computadores em sala de aula [...] com grande apoio de empresas privadas que atuavam nesta área. A França, por meio do Plano “Informática para Todos”, e a Espanha, por meio do Projeto Atenea, estimularam a formação de professores para o atendimento de vários alunos (TAJRA, 2001, p. 29).

Entre as décadas de 1930 e 1940, as pesquisas já apontavam números interessantes com relação ao uso do filme no processo de ensino aprendizagem. Embora a pesquisa quantitativa em educação não seja um divisor de águas, ela também tem sua relevância, pois nos chama a atenção para observar este processo com mais cuidado, o que nos conduz de certa forma ao imperativo da análise qualitativa destes processos, considerando as especificidades e os elementos constitutivos da pesquisa educacional. Sobre o uso do filme neste período, Venâncio (1941) destaca o seguinte:

Em Detroit Public Schools, a lição visual dá melhores resultados em $\frac{1}{4}$ do tempo requerido pelo mesmo assunto, ensinado oralmente. Em New York City Schools o resultado foi de 33,9% a crédito das classes ensinadas visualmente, contra 23,3% das classes ensinadas somente pelo texto. Em Madison, Wisconsin, High Scholl (Prof. J. Werber) visava-se determinar a eficiência de quatro métodos apresentados. Eis os resultados:

1. Ensino por meio do texto – 48,80%
2. A mesma lição, oralmente, pelo professor – 48,50%
3. A mesma lição por um filme – 50,48%.
4. O filme acompanhado de explicações – 52,17%. (VENÂNCIO, 1941, p. 44).

Sabemos que dentro do atual contexto da escola brasileira, a ausência da tecnologia na sala de aula se faz presente por inúmeros motivos. A escassez e o atraso de desenvolvimento de políticas públicas para a inserção destas tecnologias, a dificuldade de formação de professores pelas licenciaturas nas universidades brasileiras e, sobretudo, a dificuldade de construção de uma prática pedagógica que se adéque as necessidades de cada realidade, que em sua totalidade manifestam contextos culturais muito distintos. Sobre este contexto Serafin e Souza (2011) asseveram que:

A educação no mundo e a brasileira vêm sofrendo novas intervenções nestes mais recentes 10 (dez) anos, no tocante à presença e implementação de

tecnologias recentes na educação. No Brasil, nas escolas públicas, pode-se citar o ProInfo, como presença de uma Política Federal para informatizar as escolas e formar professores. Mas somente a introdução dos computadores na escola não é suficiente, para que a prática pedagógica possa ser resignificada, quando a questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. E isso passa evidentemente pela formação contínua de educadores. (SERAFIN; SOUZA, 2011, p.20-21)

Fomentar políticas públicas que sejam eficientes para a inserção destas tecnologias é um imperativo para que os resultados em educação possam surgir de maneira positiva. Dentro destes recursos, há muitos anos o filme ocupa um espaço nesta discussão. Porém, sua má utilização e banalização do seu uso, somado a falta de conhecimento pedagógico de seu emprego, fez com que esta tecnologia, a saber - o filme -, fosse deixado de lado, desconsiderando seu potencial educativo. Serrano (1932, p.194) já destacava a importância de um apoio governamental para a utilização do cinema no setor da educação. “Urge convencer os poderes públicos da alta relevância do problema da cinematografia educativa e da necessidade de consignar verbas para aquisição de aparelhos e películas”. No entanto, no Brasil as políticas públicas vinculadas a novas tecnologias e principalmente ao cinema sempre foram bastante escassas e ineficientes, tanto quanto ao fomento da produção de filmes quanto a políticas que viabilizassem seu uso nas escolas brasileiras.

A dificuldade de estabelecer uma prática educativa que consiga aproveitar a potencialidade do uso do filme em sala de aula revela uma dificuldade comum, que poderia ser superada desde que fossem observados alguns elementos muito importantes. O mais importante deles é que o filme não pode ser entendido como um elemento solucionador de problemas, mas como um recurso que se bem utilizado pode ser capaz de mediar e de promover a aprendizagem. Segundo Venâncio (1941, p. 48) “o filme com vistas ao ensino deve ser adaptado ao ensino, ele não é, nem pode substituir uma lição, mas deve ser feito, de colaboração entre o educador e o cineasta”.

Desta forma, pensar o uso do filme requer por parte do educador, a necessidade de pensá-lo tendo em vista o cumprimento de seus objetivos didáticos e de proporcionar a aprendizagem dos conteúdos em sala de aula. No ensino de Filosofia, o filme converte-se num importante instrumento de educação do pensamento, pois permite ao aluno refletir sobre questões por intermédio da imagem-movimento. No entanto, as atividades que tem em vista a utilização do filme para aprendizagem de conceitos e problemas filosóficos necessita ter em sua gênese um cuidado com relação ao planejamento das atividades.

Para a realização de um trabalho com a utilização do filme em sala de aula, o professor deve tomar alguns cuidados quanto ao planejamento de suas atividades. Há alguns anos observa-se do ponto de vista da experiência cotidiana, que a sala de aula tem se transformado cada vez mais num ambiente hostil, tanto para o professor quanto para o aluno. A rotina das atividades é exaustiva para os alunos, pois esta rotina que compõe o cotidiano escolar é repetida nos seus mais ínfimos detalhes todos os anos. Por isso, quando o professor leva um filme para a sala de aula, ao contrário de observar a colaboração dos alunos com uma atividade

diferenciada, o que se observa é uma tentativa exaustiva de conter a conversa, os ânimos exaltados e a indisciplina na sala de aula. Ao deparar-se com esta cena o professor desanima, sente-se fracassado conclui que o filme não pode ser utilizado na sala de aula. Esta conclusão por sua vez, é precedida de alguns erros de condução metodológica que dizem respeito ao planeamento das atividades e dos objetivos pelos quais o professor deve utilizar o filme em sala de aula. (REINA, 2016, p.131-132)

No entendimento de Reina (2016) muitas das formas procedimentais de utilização e abordagem do filme em sala de aula são contestáveis, porém cabe ressaltar que a reflexão sobre a utilização de uma metodologia adequada do uso do filme deve ser pensada com vistas em primeiro lugar, sobre qual a finalidade que pretendo utilizar o filme. Dentro desta perspectiva, são três as formas pelas quais posso pensar a utilização do filme: a *ilustração*, a *contextualização* e a *problematização*.

Dentro da perspectiva de uso do filme como *ilustração*, o professor deve ter em mente que o filme será utilizado apenas como um elemento mobilizador, ou seja, irá chamar a atenção do aluno para o problema. Desta forma, o uso integral do filme seria um desperdício de tempo e de objetividade. Para este uso, como *ilustração*, o professor pode utilizar uma cena em específico ou um bloco de cenas, podendo inclusive fazer uma mediação didática entre a exibição de uma cena ou outra. É uma prática possível e que pode ser aplicada, porém nestes moldes utilizar a exibição integral do filme apenas com caráter ilustrativo, é subutilizar o filme tendo em vista a potencialidade que o mesmo oferece.

A segunda perspectiva, a saber, a *contextualização*, requer do filme não apenas o potencial de ilustrar um conceito ou problema, mas de situá-lo dentro de um determinado contexto. A utilização do filme dentro deste aspecto é bem utilizada quando há um foco interdisciplinar envolvendo a discussão de várias questões que podem se ligar por inúmeros aspectos, sejam eles emblematicamente culturais, sociais, políticos e históricos. Neste caso, quando a utilização do filme não é precedida de uma abordagem teórica antecipada do professor, o uso fica comprometido. Nem sempre os alunos conseguem fazer as relações necessárias e esperadas por parte do professor, por isso, se a utilização do filme visa contextualizar um ou mais temas com enfoque interdisciplinar, o professor pode potencializar o uso trabalhando previamente questões norteadoras antes de sua utilização, o que preparará o aluno para o filme e apreensão do seu contexto de forma potencializada.

A última forma de abordagem, a saber, a *problematizadora*, é a que se adéqua a um contexto mais filosófico propriamente dito. Neste tipo de abordagem o professor espera que os alunos sejam capazes de filosofar a partir das imagens do filme. Isso presume que o espectador (no caso o aluno) pense o filme e suas questões de forma particular, própria, refletindo sobre a problemática abordada por meio das imagens. Uma abordagem inicial antes da exibição do filme por parte do professor, extermína o uso do filme como *problematização*. Nesta modalidade a intervenção do professor deve ser posterior a

exibição, pois permitirá ao aluno uma apropriação particular e individual da problemática envolvida, o que poderá ser confrontada com seus pares após a exibição do filme com uma atividade direcionada pelo professor.

O uso do filme como problematização exigirá do aluno um esforço para “ler filosoficamente” as imagens no filme. Desta forma a escolha de um filme com potencialidade filosófica é imprescindível para que o filme possa ser bem utilizado neste tipo de abordagem.

É claro que o pressuposto básico para que o cinema tenha as características mencionadas na formulação do conceito-imagem é que nos disponhamos a ler o filme filosoficamente, isto é, a tratá-lo como um objeto conceitual, como um objeto visual e em movimento. Ou seja, devemos impor a pretensão de verdade e universalidade em nossa leitura do filme, quer o diretor tenha proposto isso ou não (CABRERA, 2006, p. 45).

Existe uma perspectiva de que os olhos precisam estar treinados para ler filosoficamente o filme. Neste sentido, muitos professores abordam e desmistificam questões levantadas pelo filme antes de sua exibição. Neste tipo de abordagem, o uso do filme como problematização é exterminado e o professor apenas utilizará o filme como mera ilustração de sua apresentação prévia. Para uma utilização filosófica do filme, o professor deve deixar que o aluno pense e se aproprie do entendimento do filme a sua maneira, mesmo que não disponha inicialmente do domínio dos conceitos filosóficos ou de um conhecimento da história da filosofia. Isso fará com que o aluno confronte a si mesmo com suas reflexões, diante da problematização apresentada.

Desta forma, o uso do filme é potencializado ao colocarmos para o aluno a possibilidade de construção e de organização das ideias diante da apropriação de um problema por meio das imagens de um filme. A falta de um *feedback* positivo por parte do professor se deve, em boa medida, em razão da má utilização do filme, ou seja, a adoção de uma estratégia de uso que não corrobora com os seus objetivos traçados. Porém, é inegável que o filme auxilia os estudantes tanto no aprimoramento da reflexão, quanto o desenvolvimento de habilidades. Sobre esta questão, Napolitano (2003) destaca o seguinte:

[...] o trabalho sistemático e articulado com filmes em salas de aula ajuda a desenvolver competências e habilidades diversas, tais como a leitura e elaboração de textos; aprimoram a capacidade narrativa e descritiva; decodificam signos e códigos não-verbais; aperfeiçoam a criatividade artística e intelectual; desenvolvem a capacidade crítica sociocultural e político-ideológica, sobretudo em torno dos tópicos relativos à mídia e indústria cultural (NAPOLITANO, 2003, p.18).

Napolitano (2003), Serrano (1932) e Venâncio (1941) concordam que o filme é um instrumento importante no processo de ensino aprendizagem e que produz ótimos resultados quando não é subutilizado. Cabrera (2006) destaca que o filme tem uma potencialidade de comunicar ideias por meio de suas imagens, algo que o autor chama

de “conceito-imagem”. A filosofia pode ser trabalhada por intermédio dos filmes porque a reflexão do estudante pode ser “violentada” por tais conceitos. A imagem não apenas permite a compreensão de um conceito filosófico como potencializa sua compreensão, inclusive com relação a outras formas de abordagem e instrumentos utilizados como mediadores da aprendizagem.

O que o cinema proporciona é uma espécie de superpotencialização das possibilidades conceituais da literatura ao conseguir intensificar de forma colossal a impressão de realidade e, portanto, a instauração da experiência indispensável ao desenvolvimento do conceito, com o conseqüente aumento do impacto emocional que o caracteriza (CABRERA, 2006, p. 28).

No entanto, não deve haver por parte do educador uma “compreensão messiânica” de que o filme resolverá todos os problemas com relação à aprendizagem. Cabe ressaltar que o filme é apenas um dos muitos recursos tecnológicos que pode ser utilizado pensando-o como um recurso pedagógico e que a adoção de outras estratégias e recursos é potencialmente importante para que o processo de ensino-aprendizagem seja enriquecedor. Neste sentido, a adoção da literatura, da música, dos textos filosóficos e de muitos outros elementos, pode ser decisiva como mediadora deste processo, possibilitando uma aprendizagem mais significativa por parte do aluno. Sobre esta questão Obiols destaca o seguinte:

[...] a aprendizagem filosófica não pode deixar de ser integral, não pode deixar de incluir os textos, os conceitos, as teorias filosóficas e a filosofia, não menos que os procedimentos e as atitudes que se encontram naqueles e nesta. Apenas assim, a aprendizagem filosófica poderá ser autenticamente formativa (OBIOLS, 2002, p. 86).

O cinema traz dentro de si uma condição que possibilita ao docente explorar várias perspectivas da mesma realidade. A ficção muitas vezes ao problematizar a realidade, lança questões de vanguarda sobre problemas que na prática ainda não foram vividos. Por outro lado, o cinema traz também a ideia da necessidade de nos confrontarmos com a nossa realidade e de pensarmos os seus problemas, talvez de uma forma muito mais incisiva do que outras mídias. Mesmo que a ficção seja a sua pauta, é uma verdade de que ela incute em nós certa verossimilhança com o que nos cerca. Neste ponto, refletir e pensar sobre questões relativas ao mundo e ao ser humano, faz do cinema como um *locus* para produção do pensar filosófico. Cabe a nós, professores, pesquisadores e educadores, pensar adequadamente esta questão, seu uso, suas possibilidades, suas restrições e dificuldades. Desta forma, estaremos contribuindo para edificar um importante trabalho trazendo a tecnologia para dentro da sala de aula.

O uso do filme como fator de educação do pensar por meio da prática cineclubista

O cinema desde a sua origem tem provocado no ser humano interesse e fascinação. Dos primeiros filmes domésticos dos Irmãos Lumière na França em 1895, até as produções mais sofisticadas nos dias atuais, o cinema sempre se colocou não somente como um instrumento de entretenimento, mas também como uma das mais belas formas de arte na contemporaneidade.

Se o cinema hoje ocupa um singelo lugar como sétima arte, com toda certeza teve uma contribuição decisiva de uma prática criada na França a partir da década de 1920, chamada de “cineclube”, cujas bases do primeiro estatuto foram construídas por Louis Delluc sob chancela da revista francesa *Ciné Club*.

O cineclube é um espaço destinado à exibição, ao debate e a construção de conhecimento e difusão da cultura por intermédio dos filmes. Inicia-se na França a partir da década de 1920 como um polo de formação de cineastas, críticos de cinema, intelectuais e artistas das mais variadas áreas. Ao mesmo tempo em que este espaço reunia diferentes pessoas com diferentes formações, todos imbuídos em torno da discussão acerca de uma estética fílmica, o movimento espalhou-se pelo mundo com grande velocidade.

Bazin (1991) um dos mais famosos críticos de cinema mundial e principal difusor da prática cineclubista na França e em outros países da Europa, definia uma sessão cineclubista como um ritual marcado por três momentos, que chamava inteligentemente de “Santíssima Trindade do cineclube”, a saber, a apresentação, a exibição fílmica e o debate. Essa tríade é responsável por um fenômeno de alta relevância educacional, pois é capaz de construir de forma dialética o conhecimento entre seus participantes, propiciando uma formação não somente de cunho estético, mas também social e cultural.

Inicialmente os cineclubes na França dedicavam-se a exploração e estudo da estética fílmica, apresentada pelas produções da época influenciadas por movimentos como cinema revolucionário soviético, expressionismo alemão e posteriormente pelo realismo poético e *nouvelle vague* francesa. Após o *cineclubismo* ser difundido em diferentes países do globo, sua formação e objetivos começaram a ser delineados pelas condições históricas, sociais, culturais e políticas dos países que abrigaram a prática cineclubista.

No Brasil, o movimento cineclubista começa a expandir-se a partir de 1928, quando, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado o primeiro cineclubes, chamado de *Chaplin Club*, dando o pontapé inicial para a organização do movimento cineclubista no Brasil. Almeida (2008, p.10) destaca que “a principal atividade desses cineclubes era romper o cerco cultural imposto ao país, trazendo de fora filmes que jamais seriam distribuídos pelo circuito nacional”.

O cineclubes no Brasil foi o responsável pela criação de nosso mais importante projeto cinematográfico, o Movimento do Cinema Novo. O cineasta Glauber Rocha foi o precursor e era um assíduo cineclubista ao lado de outros grandes cineastas como Nelson Pereira dos

Santos, Cacá Diegues, Leon Hirszman, Paulo César Saraceni. Por meio da cinematografia produzida entre as décadas de 1950 e 1970 tornou-se possível um forte movimento de resistência, de crítica política e social em pleno regime empresarial-militar no Brasil, o que contribuiu para consolidar o projeto de renovação do cinema brasileiro.

Cabe ressaltar que o cineclube ou clubes de cinema foram e são muito importantes para a formação cultural de seus frequentadores. Pensar como as discussões por intermédio dos filmes são capazes de produzirem conhecimento e de atuarem como elementos importantes para educação do pensar, são fatores que merecem ser analisados com mais cuidado, uma vez que esta prática é potencialmente interessante quando analisamos sua composição interna e funcionamento.

A institucionalização e adoção de práticas pedagógicas que visam adaptar os alunos à ordem social e econômica é, em certa medida, um fator crítico a ser levado em consideração, tendo em vista a educação dos jovens em nossa sociedade. Por isso, os cineclubes cumprem um papel educativo importante ao não pertencerem a uma ordem institucionalizada, por não construírem suas práticas voltadas ao atendimento de uma demanda social ou econômica e por manifestarem a liberdade de pensamento e expressão dentro da construção de sua prática. Sobre esta questão, Alves e Macedo (2010) nos dizem o seguinte:

Os mecanismos de produção da alienação cultural visam produzir homens e mulheres deformados enquanto sujeitos humanos capazes de intervenção radical. Mata-se, na raiz, o processo de democratização da vida social e inverte-se o ideal democrático numa mera fórmula manipulatória da opinião pública visando manter os parâmetros da velha e caduca ordem burguesa em sua etapa de crise estrutural. Por isso, coloca-se como tarefa crucial hoje, a disseminação de práticas de formação humana no sentido da efetivação de sujeitos críticos-reflexivos capazes de intervenção radical (ALVES; MACEDO, 2010, p. 14-15).

Os cineclubes colocam-se, desta forma, como espaços diferenciados para construção de um saber próprio e específico, diferente daquele produzido no espaço escolar, porém essencial para a formação de sujeitos livres e autônomos. Os cineclubes operam neste sentido, uma espécie de ressignificação da realidade por meio de uma prática que envolve a exibição fílmica e a relação dialética entre seus participantes.

Outro aspecto interessante dentro do processo da prática cineclubista é que há uma grande diversidade quanto as características dos atores que estão envolvidos nesta prática. Indivíduos de diferentes idades e sexos, com itinerários de formação diferentes que constroem por meio do diálogo e do debate fílmico problematizações importantes sobre a realidade a qual estamos submetidos. Pensar um cineclube como apenas um instrumento preso a uma instancia institucional ou a uma prática exclusiva, como a acadêmica é, por exemplo, retirar dele uma potencialidade muito maior que envolve a educação e um processo de formação cultural. Por isso pensar o cineclube apenas como um espaço de discussão ou só estética ou somente política e ou social é subutilizá-lo.

Cabe observar que o mesmo opera dentro de um projeto de discussão e de educação do pensar que não está implícito apenas em sua programação, mas que se constrói através da troca efetiva de conhecimento entre seus participantes. A construção do conhecimento é um processo que parece transcender até mesmo o espaço e tempo das discussões, uma vez que as problematizações são internalizadas por seus membros, pensadas e ressignificadas dentro de um contexto diverso daquele que surge através do filme ou da interpretação particular de cada um dos espectadores.

A ideia do cinema como experiência crítica significa a constituição de um processo intelectual-moral de apropriação efetiva do filme que não se reduz a algumas horas de debate do filme exibido. Para que o sujeito-receptor/sujeito-produtor possa se apropriar efetivamente daquilo que está alienado dele (o filme como obra de arte) é preciso um processo de trabalho capaz de ressignificar, no decorrer de sua duração crítica, as imagens audiovisuais da narrativa fílmica (ALVES; MACEDO, 2010, p.17).

O processo de construção do conhecimento por intermédio dos clubes de cinema possui um ponto de vulnerabilidade se levarmos em consideração a formação de um público cativo. Muitas vezes a dificuldade de formação de um público que frequente com regularidade as sessões, dificulta o estudo e compreensão dos fenômenos que envolvem a prática cineclubista. No entanto, uma vez que este problema seja superado, e que tenhamos um público cativo, as relações de produção do conhecimento tornam-se cada vez mais evidentes.

A troca de conhecimentos entre os participantes durante uma sessão cineclubista atua como um elemento formativo. Durante a exibição do filme temos a ocorrência de um importante fenômeno que é a construção de uma perspectiva individual frente à apreensão do sentido que as imagens adquirem para o sujeito, havendo neste primeiro momento a construção de uma “significação” por parte das imagens e do enredo fílmico.

Após a exibição do filme, quando os integrantes iniciam o debate acerca dos pontos constitutivos da obra fílmica, inicia-se uma troca calorosa de ideias e de confronto de visões no interior da discussão. Não há por parte dos integrantes uma relação de hierarquia, como ocorre no interior da sala de aula, onde estes papéis são delimitados institucionalmente pela figura do professor e do aluno. A ausência de hierarquia cria um diálogo franco e aberto, onde as contradições acabam aparecendo e pouco a pouco vão sendo desconstruídas mediante a apresentação de diferentes pontos de vista.

Cabe ressaltar que a relação dialética construída entre os cineclubistas apresenta a construção de um saber, que a princípio, não é um saber acadêmico ou institucionalizado. Os diferentes itinerários formativos de seus participantes fazem com que esse saber seja algo diferente, porém um saber que emerge como fruto de uma discussão democrática e consciente sobre os processos que dizem respeito a problemática suscitada pelo filme. O ponto enriquecedor da prática cineclubista, pensada dentro de um prisma educativo

é o fato da diversidade deste público que frequenta as sessões. A relação dialética estabelecida entre os frequentadores produz outro ponto de suma importância: que seria a “ressignificação” daquilo que havia sido apreendido diante da problemática fílmica.

Quando não há uma diversidade com relação aos itinerários formativos, existe uma grande probabilidade de polarização das discussões. Ou a discussão polariza-se em torno de questões sócio-culturais e juízos de valor, onde ocorre um esvaziamento da discussão acerca da estética fílmica, ou a discussão concentra-se demais nos elementos técnicos e estéticos e acaba ocorrendo o oposto. Desta forma, ter um público diversificado, com diferentes itinerários formativos constitui um elemento importante para a busca efetiva do cineclubes como um fator de educação do pensar e de formação cultural de seus participantes.

Outro elemento importante para a construção de uma prática cineclubista eficiente é a escolha de uma boa programação. Em tese boa parte dos filmes considerados como pertencentes ao “cinema arte” tem suas raízes em características sociais e históricas inerentes ao momento vivido. Pensar o cinema e suas expressões como um fator dissociado da história é algo inconcebível. Desta forma boa parte dos movimentos cinematográficos manifesta esse caráter de relação profunda com a história e a cultura, como o expressionismo alemão, o neorrealismo italiano, o cinema revolucionário soviético, o cinema novo entre outros.

Assim, observa-se que os cineclubes não são espaços que fomentam o debate acerca do cinema comercial, mas de filmes que de certa forma representam uma contraposição a esta perspectiva. Assim, a programação de um cineclubes serve como pano de fundo de uma espécie de espaço de resistência frente às atuais mídias de difusão de informação em massa, que visam apenas o lucro e o entretenimento e que tem oferecido a população um tipo de cinema que apenas alimenta uma indústria de consumo. Sobre o papel dos cineclubes, Ismail Xavier (2001) nos diz o seguinte:

Foram inúmeros – e ainda o são – os Clubes dos Amigos da Sétima Arte, desde aquele fundado por Riccioto Canudo, o autor do manifesto das sete artes de 1911. Os cineclubes têm sido, para algumas gerações, o santuário que fez do cinema uma forma privilegiada de recuperar o contato com o mundo, de reconectar com a natureza e com o que a alienação moderna (a segunda natureza) estaria sonhando à humanidade num cenário de automatização, massificação e empobrecimento da experiência. (XAVIER, 2001, p.29)

O cineclubes é, portanto, um espaço importante para viabilização da construção de um conhecimento não institucionalizado e de uma prática de cinema que não é alimentada pela indústria cultural. Nestes espaços, a arte, a filosofia, a história, enfim, um espaço que liga e reúne várias disciplinas do conhecimento, fazendo dele um importante instrumento de construção do conhecimento por um aspecto interdisciplinar. Isso possibilita a socialização dos indivíduos e o florescimento de uma cultura de resistência frente a processos que cada

vez mais contribuem para a alienação do ser humano nas sociedades pós-modernas. Sobre este ponto, a partir de sua experiência, Gusmão (2008) nos diz o seguinte:

Constatou-se, então, que a ação educativa desses clubes, associada a uma rede de socialização mais ampla, constituiu um cenário privilegiado de aprendizagem não formal de cinema, de troca de saberes e informações, na qual assistir aos filmes remetia a um conjunto de práticas que incluía leitura, produção e discussão de artigos sobre cinema, o que, além atribuir “valor” a certos filmes e cinematografias, legitimava certas maneiras de ver e fazer cinema que, por sua vez, participavam diretamente da produção de um sistema de preferências cujo domínio era fundamental naquele período. Foi esse ambiente cultural e político que sedimentou um tipo específico de aprendizado, melhor dizendo, um habitus, que implicava não apenas em aprender a ver cinema francês, italiano, soviético e o “bom” americano, mas, fundamentalmente, a não gostar do “cinema indústria”, comprometido ideologicamente com os valores capitalistas, especialmente aquele com as características do chamado “cinemão” produzido em Hollywood. (GUSMÃO, 2008, p. 13)

Desta forma, podemos perceber que o cineclubes se converteu em um espaço interessante para a produção do pensar levando em consideração métodos alternativos à sala de aula para aplicação do uso do filme como um fator de educação. Aliada à prática cineclubista a reflexão se torna um canal importante tanto de expressão do pensamento livre, como um elemento de construção do conhecimento e do exercício da cidadania ao caracterizar-se como um instrumento tanto de formação educacional como de formação cultural de seus frequentadores.

Considerações Finais

Analisando o atual contexto em que se encontra a educação, percebemos que a mudança de perspectiva com relação à adoção e utilização da tecnologia no espaço escolar é apenas uma consequência da realidade na qual estamos diretamente inseridos. Caminhar na contramão desta questão é, no mínimo, retrocesso, por isso cabe aos educadores uma discussão consciente sobre a utilização das tecnologias em sala de aula.

Neste artigo chamamos atenção para uma destas tecnologias - o filme -, como um importante elemento de produção do pensar e de formação cultural. Os muitos equívocos de abordagem e de utilização acabam muitas vezes por subjugar a potencialidade do filme e o impacto que o mesmo pode ter sobre a aprendizagem escolar.

Nesse sentido, pensar uma prática que utilize estratégias adequadas com relação à utilização do filme não apenas contribui para uma aprendizagem mais significativa, quanto auxilia do desenvolvimento de certas habilidades por parte dos estudantes, como destaca Napolitano (2003).

Paralela a esta questão de utilização do filme como um importante elemento para a educação do pensar, os cineclubes emergem como espaços alternativos de utilização do filme em favor da aprendizagem. A diversidade formativa do público e a ausência de

uma hierarquia de conhecimento e saber possibilitam que nesse espaço seja produzido um saber bastante específico através da troca calorosa de ideias por meio de uma relação dialética entre seus participantes.

Um cineclube, mesmo no interior da escola, evoca uma construção e um ideal de formação que se diferencia daquele proposto pela escola dentro de sua organização tradicional. A liberdade de expressão e de opinião, somada aos diferentes itinerários formativos de seus participantes, faz com que o cineclube seja um espaço potencialmente forte para a produção de um pensamento que se contraponha a rotina alienante imposta pelos meios de comunicação e cultura em nossa sociedade.

Assim, podemos perceber que o filme desde que bem fundamentado e bem utilizado, pode fornecer possibilidades interessantes na construção do conhecimento no espaço escolar. Um conhecimento que não está preso a algumas convenções e rotinas ou a uma hierarquia do saber, mas que se configura como um elemento de expressão das ideias, da reflexão crítica e do desenvolvimento de uma nova cultura.

REFERÊNCIAS

ALVES, G.; MACEDO, F. **Cineclube, cinema e educação**. São Paulo: Práxis, 2010.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

CABRERA, J. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GUSMÃO, M. S. **O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>> . Acesso em: 12/10/2017.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OBIOLS, G. **Uma introdução ao ensino da filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2002.

REINA, A. **Cinema e Filosofia: ensinar e aprender filosofia com os filmes**. Curitiba: Juruá, 2016.

SERRANO, J. **A escola nova: uma palavra serena em um debate apaixonado**. Rio de Janeiro: Schimdt, 1932.

SOUZA, R. P. et al. **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação**. 6. ed. São Paulo: Érica, 2001.

VENÂNCIO, F. F. **A educação e seu aparelhamento moderno**. São Paulo: Nacional, 1941.

XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.